

## Escravo de Cristo: a verdadeira identidade cristã

### Slave of Christ: The True Christian Identity

**Luiz Carlos Migliozi Ferreira de Mello<sup>1</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0002-2337-9661>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é apresentar alguns resultados de uma pesquisa maior, cuja finalidade foi verificar como ocorreu a tradução do lexema δούλος (escravo) do Novo Testamento em grego para o Novo Testamento em língua portuguesa. Foram comparadas 22 edições bíblicas. No Novo Testamento em grego, δούλος é utilizado por Jesus Cristo e pelos Apóstolos para caracterizar a identidade cristã, isto é, o modo de vida que o cristão deve assumir ao aceitar Cristo como seu Senhor e Salvador. A análise permitiu concluir que o termo δούλος, em geral, não é traduzido por “escravo”, como seria desejável. Com isso, aspectos fundamentais da identidade cristã foram mascarados ou subvertidos pelas traduções. Como não se trata de um erro de tradução simplesmente, mas de uma postura ideológica vigente no contexto sócio-histórico em que as traduções bíblicas foram feitas, buscam-se respostas para explicar tais posicionamentos e busca-se também resgatar os sentidos perdidos da identidade cristã.

**Palavras-chave:** Escravo de Cristo; Tradução bíblica; Identidade cristã. Subversão de significados; Contexto sócio-histórico.

**Abstract:** The objective of this article is to present some results of a larger research, whose purpose was to verify how the translation of the lexeme δούλος (slave) from the New Testament in Greek to the New Testament in Portuguese occurred. 22 biblical editions were compared. In the Greek New Testament, δούλος is used by Jesus Christ and the Apostles to characterize the Christian identity, that is, the way of life Christians must assume once they accept Christ as their Lord and Savior. Data analysis allowed to conclude that, in general, the term δούλος is not translated as “slave”, as it would be desirable. Therefore, fundamental aspects of Christian identity were masked or subverted by the translations. Since it is not simply a translation error, but rather an ideological stance due to the socio-historical context in which the biblical translations were made, answers are sought to explain such posture and we also seek to rescue the lost meanings of Christian identity.

**Keywords:** Slave of Christ; Biblical translation; Christian identity; Subversion of meanings; Socio-historical context.

<sup>1</sup> Doutor em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo, SP, Brasil. Professor Associado da Universidade Estadual de Londrina, Pr, Brasil. E-mail. [lcmigliozi@gmail.com](mailto:lcmigliozi@gmail.com)

## Introdução

Antes de expor os objetivos deste artigo, convém explicar que o interesse por esta pesquisa nasceu com a leitura dos livros *The Gospel According to Jesus Christ*<sup>2</sup> (1994) e *Slave: The Hidden Truth About Your Identity in Christ*<sup>3</sup> (2010), ambos de John F. MacArthur. No primeiro livro, MacArthur discorre sobre o que é o evangelho, seguindo, para isso, as narrativas e os ensinamentos de Jesus Cristo apresentados nos quatro evangelhos do Novo Testamento. Com isso, considerando o contexto sócio-histórico dos ensinamentos de Jesus Cristo apresentados nos quatro evangelhos, pode-se compor um corpo de ideias que definia uma “identidade judaica”. Contudo, atualmente, podemos definir essa identidade judaica como aquilo que se convencionou chamar de uma “identidade cristã”<sup>4</sup>. Dito de outro modo, os ensinamentos de Jesus Cristo, apresentados nos quatro evangelhos, criam, aos olhos do homem contemporâneo, a identidade do que é ser cristão.

Ao discorrer sobre o que ele chama de “o custo do discipulado”, MacArthur (2015, p. 263) explora o sentido do lexema original grego, que foi usado por Cristo, para descrever as atitudes daqueles que querem segui-lo como Senhor e Salvador. O termo usado em grego é δούλος, que significa “escravo”. MacArthur explica que as Bíblias, em língua inglesa, de maneira sistemática, não traduzem o termo δούλος para “escravo”, mas para “servo”, para “empregado”, dentre outros termos. Com a finalidade de explorar com mais acuidade esse ponto, MacArthur escreve *Slave: The Hidden Truth About Your Identity in Christ* (2010).

Feita a leitura dos dois livros, uma série de questionamentos surgiu: como o lexema δούλος e suas variantes (verbo, substantivo masculino e feminino) foram traduzidos no Novo Testamento nas Bíblias em língua portuguesa? Houve a preservação do sentido do texto em língua grega em que os textos foram escritos? Em caso negativo, quais foram os lexemas utilizados nas traduções em língua portuguesa? Com a tradução em língua portuguesa, o sentido do texto grego foi preservado? Em que extensão o sentido foi alterado? Qual é o peso do sentido do termo δούλος e de suas variantes na criação da identidade cristã no texto em grego? Em outras palavras, o termo δούλος tem papel preponderante na criação da identidade cristã ou apenas trata-se de uma metáfora periférica para a criação da identidade cristã? Caso o termo δούλος não tenha sido traduzido como “escravo”, qual pode ter sido a motivação disso? Em que extensão o contexto sócio-histórico de quando as traduções foram feitas influenciou a não utilização do lexema “escravo”? Por último, em que medida a não utilização do termo “escravo” subverte a criação dos efeitos de sentido das narrativas bíblicas originais do Novo Testamento em que se objetiva a criação da identidade cristã? Eis aí o objeto de investigação e os objetivos da pesquisa<sup>4</sup> iniciada.

<sup>2</sup> Esta obra foi inicialmente publicada, em 1988, pela Zondervan, nos Estados Unidos. Desde então, houve muitas edições e traduções do livro. Houve também o acréscimo de alguns outros capítulos à edição original. A obra também foi publicada em e-book e em audiobook. No Brasil, a obra foi originalmente publicada pela Fiel, em 1991: *O Evangelho Segundo Jesus*. Infelizmente, não constam, da versão brasileira, os capítulos acrescentados posteriormente. Por essa razão, essa obra poderá ser referida ao longo da pesquisa na versão em inglês e em português.

<sup>3</sup> Publicado originalmente em inglês, em 2010, pela Thomas Nelson, este livro foi traduzido para a língua portuguesa pela Thomas Nelson Brasil, em 2018, sob o título *Escravo: a verdade oculta sobre sua identidade em Cristo*.

<sup>4</sup> Esta pesquisa foi realizada como projeto de Pós-Doutorado na Universidade Mackenzie, campus Higienópolis, de março de 2023 a fevereiro de 2024, sob a supervisão da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Diana Luz Pessoa de Barros, e está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da instituição. Cumpre esclarecer que o objetivo deste artigo aqui

Foram comparadas 22 edições bíblicas<sup>4</sup>, tanto católicas como protestantes. O primeiro passo da pesquisa foi buscar as ocorrências do termo δούλος e de seus derivados no texto grego: formas nominais, no singular e no plural e nas formas masculinas e femininas, além da forma verbal, em cuja raiz continha o lexema δούλος. Em seguida, buscou-se o texto em português daquele versículo bíblico nas já citadas vinte e uma edições bíblicas em português.

Todas essas ocorrências foram postas em paralelo, versículo por versículo, para que se pudesse julgar a pertinência da tradução bíblica utilizada na língua portuguesa. Vencida essa parte da pesquisa, passou-se, então, a uma análise mais fina das ocorrências em que se buscava julgar se os sentidos pretendidos no texto grego foram alcançados nas traduções feitas. Mais do que isso, buscou-se também compreender e explicar por que, em certas ocorrências, havia um elevado número de traduções que, de fato, traduziam o termo adequadamente e porque, em outras situações, ocorria um apagamento quase que completo do sentido de escravo nas traduções. Devido à exiguidade de espaço que se impõe neste artigo, o que se pretende mostrar aqui são apenas alguns resultados da pesquisa realizada. Para que se pudesse demonstrar apenas uma única ocorrência investigada, seriam necessárias duas páginas ao menos.

### O contraste das edições bíblicas

Quando se considera a ordem da apresentação dos evangelhos no Novo Testamento, a primeira ocorrência de δούλος aparece em Mateus 6:24. Com a finalidade de ilustrar alguns pontos para esta apresentação, seguem algumas amostras<sup>5</sup> das comparações bíblicas em língua portuguesa em contraste com o texto em grego:

Οὐδεὶς δύναται δυσεὶ κυρίοις δουλεύειν ἢ γὰρ τὸν ἓνα μισήσει καὶ τὸν ἕτερον ἀγαπήσει, ἢ ἐνὸς ἀνθέξεται καὶ τοῦ ἑτέρου καταφρονήσει. οὐ δύνασθε θεῶ δουλεύειν καὶ μαμωνᾶ (Mateus 6:24 BGB).<sup>5</sup>

Ninguém pode *servir* a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis *servir* a Deus e a Mamom (Mateus 6:24 ARC 1959).

---

apresentado não é de expor as várias fases percorridas durante a realização dessa pesquisa do pós-doutorado, tais como metodologia ou fundamentos teóricos empregados. Pesquisa nenhuma pode prescindir de uma base teórica sólida e de um encaminhamento metodológico apropriado. O que se quer destacar nesse ponto é que não há espaço suficiente, no âmbito deste artigo, para se expor a base teórica e a metodologia empregadas para a realização desta pesquisa. Esta é a razão de não se expor, no corpo deste artigo, a fundamentação teórica ou a metodologia empregadas na pesquisa. Obviamente, nessa pesquisa maior, realizada ao longo do trabalho de pós-doutorado, os fundamentos teóricos da pesquisa bem como seu encaminhamento metodológico foram apresentados e explorados em capítulos separados. A base teórica utilizada foi a Semiótica de linha francesa, também conhecida por semiótica greimasiana ou Semiótica discursiva. Indico alguns autores dessa área do conhecimento que contribuíram para o embasamento teórico e para a metodologia da pesquisa: como já ressaltado acima, devido à exiguidade de espaço deste artigo, seu objetivo é de apenas apresentar alguns resultados dessa pesquisa maior realizada no âmbito do projeto de pós-doutorado. Barros (1988; 1994); Fiorin (1989; 1996); Greimas e Courtés (1989); Benveniste (1989); Eco (2004; 2008).

<sup>5</sup> Cf. <https://biblehub.com/bgb/matthew/6.htm>. Também em <https://search.nepebrasil.org/interlinear/?livro=40&chapter=6&verse=24>.

Ninguém pode *servir* a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis *servir* a Deus e às riquezas (Mateus 6:24 ARA 1967).

Um *escravo* não pode *servir* a dois donos ao mesmo tempo, pois vai rejeitar um e preferir o outro; ou será fiel a um e desprezará o outro. Vocês não podem *servir* a Deus e também *servir* ao dinheiro (Mateus 6:24 NTLH 2000).

Das 20 amostras analisadas<sup>6</sup> dessa passagem, só uma delas, a NTLH, traduziu o termo δουλεύειν por “escravo”. Com isso, esta tradução foi fiel ao sentido original do versículo, pelo menos nesta passagem. Como será explicado mais à frente, o sentido do verbo “servir” na passagem em destaque é derivado da palavra δούλος. Portanto, o verbo “servir”, neste contexto, deveria ser traduzido por “servir como escravo”. Nesse sentido, nenhuma das versões bíblicas investigadas foi fiel em sua tradução em relação ao verbo servir. A NTLH foi a versão que mais se aproximou do sentido do texto grego, o que não significa que ela será igualmente fiel em outras passagens da pesquisa.

A bem da verdade, raras serão as vezes em que o termo δούλος ou suas variantes terão uma tradução que consegue preservar os semas originais do termo empregado. Pode-se argumentar, afirmando o jargão típico da área de tradução, que “toda tradução é uma traição”. Contudo, esta declaração não se aplica à situação em questão, porque não se trata aqui de uma alteração de algum traço sêmico do texto original, mas sim de uma total subversão do sentido original do lexema δουλεύειν. Além disso, o “erro” de tradução ocorre de maneira sistematizada, ao longo de todo o texto no Novo Testamento, com todas as versões bíblicas ditas oficiais sejam elas católicas ou protestantes. Como também se demonstrará, não se trata de um “erro” de tradução, mas sim de uma postura ideológica comum à época em que as traduções bíblicas foram feitas em línguas vernáculas, como o português.

Cumprido esclarecer que o sentido de escravo no contexto do Novo Testamento, seja ele no contexto da sociedade greco-romana ou judaica, não pode ser posto em simetria com o conceito de escravo no contexto da sociedade escravocrata brasileira, por exemplo. Trata-se de contextos sócio-históricos distintos e que, portanto, geram conceitos igualmente distintos para o mesmo lexema.

## **O contexto de produção do Novo Testamento e das traduções bíblicas**

Os primeiros cristãos frequentemente referiam-se a si mesmos como δούλος Χριστός (“escravo de Cristo”), destacando uma relação de total entrega e obediência voluntária a Deus. Nesse contexto, o termo “escravo” adquire uma conotação positiva, simbolizando liberdade do pecado e adesão completa à vontade divina.

Eusébio de Cesareia, em *História Eclesiástica* (2022, p. 154-155), por exemplo, relata a tortura sofrida pelo diácono Santos, de Viena, que, quando torturado, não respondia a

nenhuma pergunta feita pelos seus torturadores. As únicas palavras que saíam de sua boca eram “sou cristão”. Ele se negava a dizer seu nome, de onde era, sua condição social, se livre ou escravo. Sua identidade era ser de Cristo. Apesar das horríveis torturas relatadas por Eusébio de Cesareia, Santos foi fiel até o fim para defender sua escravidão voluntária a Cristo. O relato ocorreu em meados do século 2, no reinado do Imperador Marco Aurélio.

No contexto da igreja cristã primitiva, era comum o cristão assumir a condição de escravo de Cristo. Não havia nisso uma conotação negativa, muito pelo contrário. Como será apontado mais adiante, os Apóstolos Paulo, Pedro, Timóteo, Judas, Tiago e João autointitulavam-se “escravo de Cristo” ou “escravo de Deus”.

Porém, mesmo nesse período histórico, havia também a escravidão do mundo greco-romano e do mundo judaico, que não era a escravidão voluntária típica da chamada igreja cristã primitiva, mas sim formas de coerção, de opressão e de privação de liberdade. É preciso reconhecer também que não se pode tomar como iguais as escravidões greco-romano e judaica: elas são resultadas de contextos sócio-históricos distintos e, por isso mesmo, são distintas entre si.

Da mesma forma, não se pode assumir como semelhante a escravidão transatlântica, que começou no início do século XVI e perdurou até o século XIX. O comércio transatlântico de escravos começou logo após as viagens de Cristóvão Colombo ao Novo Mundo. Em 1501, os primeiros africanos escravizados foram levados para as Américas (em Hispaniola, a atual República Dominicana e Haiti) pelos colonizadores espanhóis. O ano de 1518 é frequentemente citado como um marco, pois foi o ano em que o rei Carlos I de Espanha (futuro imperador Carlos V) emitiu uma licença autorizando o envio direto de africanos escravizados para as Américas. Essa autorização institucionalizou o comércio de escravos africanos entre a África, a Europa e as Américas.

As traduções bíblicas foram fomentadas sobretudo após o período da Reforma Protestante, em 1517. A tradução de Wycliffe, baseada na Vulgata Latina, foi concluída por volta de 1382, portanto antes da Reforma Protestante. Jacques Lefèvre d'Étaples publicou o Novo Testamento, em francês, em 1523. A tradução de Tyndale do Novo Testamento, diretamente do grego, ocorreu em 1526. A King James Fiel, por exemplo, surgiu em 1611. No idioma castelhano, surgiu La Biblia del Oso, em 1569. Martinho Lutero traduziu o Novo Testamento para o alemão, publicando-o em 1522, e completou a tradução do Antigo Testamento em 1534. Lutero baseou sua tradução nos textos originais em grego e hebraico, e não na Vulgata Latina.

Em língua portuguesa, a primeira tradução completa da Bíblia foi feita em 1819, e sua versão Revista e Corrigida em 1898, conforme indica a Sociedade Bíblica do Brasil.<sup>6</sup> Ela também explica que a primeira edição da Bíblia completa em português foi publicada em 1753, em dois volumes, e só em 1819 é que surge a versão completa da Bíblia em língua portuguesa em um único volume.<sup>7</sup>

Como se percebe, a tradução de Wycliffe de 1382 foi a única que ocorre antes do início da escravidão transatlântica em 1501. Todas as demais ocorrem durante o

<sup>6</sup> Disponível em <https://www.sbb.org.br/historia-da-biblia-sagrada/a-biblia-em-portugues>.

<sup>7</sup> Disponível em <https://www.sbb.org.br/historia-da-biblia-sagrada/a-biblia-em-portugues>.

período da escravidão. Como se sabe, as dinâmicas e as condições da escravidão antiga e em especial do conceito de “escravo de Cristo” defendido no Novo Testamento diferem significativamente da escravidão moderna ou transatlântica. Muitas vezes, os escravos na antiguidade podiam ocupar posições de confiança e de responsabilidade e, em alguns casos, podiam alcançar liberdade e até mesmo status social elevado. O mesmo não acontecia na escravidão transatlântica. Tudo isso afetou a percepção e a representação do termo *δοῦλος* nas traduções bíblicas para as línguas vernáculas.

Diferentemente, na Septuaginta, que é a tradução grega do Antigo Testamento realizada entre os séculos III e II a.C., o termo hebraico עֶבֶד (*‘eved*) é frequentemente traduzido como *δοῦλος*. Ou seja, a tradução grega do Antigo Testamento absorveu o sentido de escravo, enquanto a tradução para as línguas vernáculas expeliu o sentido de escravo. Talvez traduzir *δοῦλος* como “escravo”, no contexto da escravidão transatlântica, poderia introduzir conotações negativas e associar a relação com Deus a uma forma de opressão, o que contrariaria a mensagem central do Evangelho de libertação e de amor. Nesse sentido, o uso de termos como “servo” facilitaria uma compreensão mais universal e aceitável da mensagem bíblica, evitando associações culturais e históricas específicas que poderiam limitar ou distorcer seu significado.

Tudo isso é até compreensível. Contudo, traduzir *δοῦλος* por servo, por empregado, por homem etc, como se demonstrará mais adiante, não é menos danoso e prejudicial aos sentidos pretendidos no texto grego, uma vez que há uma subversão radical do sentido pretendido com a expressão *δοῦλος Χριστός* (“escravo de Cristo”), como também se demonstrará mais à frente.

A efervescência das ideias revolucionárias culminou na libertação da escravatura, sobretudo dos africanos. Dessa forma, em 1820, a Espanha libertou seus escravos africanos. Em 1833, o Império Britânico libertou seus escravos. Em 1848, a França fez o mesmo. Em 1863, foi a vez dos Estados Unidos. No Brasil, a abolição da escravidão consolidou-se com a Lei Áurea, em 1888.

Todavia, mesmo antes da abolição oficial da escravidão, como seria possível explicar que o verdadeiro evangelho, isto é, o evangelho baseado na Bíblia, ensinado pelo próprio Jesus Cristo, exige que sejamos “escravos de Cristo”? Como explicar que o próprio Deus Pai se refere a Cristo como “escravo”<sup>8</sup>? Esse pensamento era diametralmente oposto aos movimentos libertários do contexto sócio-histórico em que as Bíblias eram traduzidas nas línguas vernáculas.

Dessa forma, com a finalidade de conformar a tradução do texto grego à realidade ideológica que se impunha no momento histórico da sua tradução, terminou-se por subverter, de forma drástica, um aspecto fundamental do Novo Testamento: a identidade cristã. Enquanto aquela sociedade lutava para garantir as liberdades individuais, o texto do Novo Testamento em grego pedia que as pessoas deveriam ser escravas de Cristo, escravos voluntários de Cristo, mas, ainda assim, escravos de Cristo.

<sup>8</sup> Cf. Mateus 20:28; Mateus 24:45; Filipenses 2:7; Isaías 42:1; Isaías 52:13; Isaías 53:13 etc.

Eis aí um aspecto do contexto sócio-histórico que explica a subversão de um sentido fundamental da identidade cristã, sentido do cristão como um “escravo de Cristo”.

### **Uma tradução extemporânea e *Externa Corporis***

As várias edições bíblicas apontadas até aqui são consideradas traduções oficiais, isto é, são traduções bíblicas feitas por pessoas ou por grupo de pessoas do meio religioso, padres, monges, pastores, teólogos etc. e foram referendadas por seus pares e por instituições religiosas. Além disso, são traduções bíblicas comumente utilizadas nas esferas religiosas e que perduram ao longo do tempo. Portanto, são traduções referendadas e aprovadas por colegiados. Além disso, essas traduções refletem o seu contexto de produção, isto é, o momento sócio-histórico em que foram produzidas, como já se salientou. Mesmo as traduções bíblicas mais recentes, como é o caso da NVI, da NTLH ou da NAA, foram feitas tendo como base versões bíblicas mais antigas e oficiais.

Ao desenvolver esta pesquisa, quando pus em contraste as várias versões bíblicas oficiais, tive contato com uma tradução bíblica bastante interessante e intrigante. Trata-se de uma tradução bíblica publicada em Portugal, em 2016, e que teve sua impressão no Brasil, em 2017, pela Companhia das Letras. O texto foi traduzido diretamente do grego por Frederico Lourenço,<sup>9</sup> escritor, tradutor e professor universitário português. É especialista em línguas e em literaturas clássicas, com ênfase para o grego clássico. Atualmente, é professor associado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Em 2016, em Portugal e, em 2017, no Brasil, Frederico Lourenço publica dois volumes do Novo Testamento diretamente do grego. Em 2019, ele publica mais quatro volumes, agora do Antigo Testamento. Quando me deparei com essa tradução bíblica, eu havia praticamente terminado de compilar os versículos bíblicos das chamadas “traduções oficiais da Bíblia”, e o resultado era óbvio: o termo δούλος não era traduzido como “escravo” com raríssimas exceções, em razão do contexto sócio-histórico em que as traduções foram feitas, o que caracterizava a subversão dos sentidos originais do texto grego. Surge, então, mais uma pergunta inquietante: como teria Frederico Lourenço traduzido o termo δούλος e suas variantes para o português? Uma rápida passada de olhos pela tradução de Frederico Lourenço bastou para perceber que o acadêmico, professor universitário e literato, havia traduzido o termo δούλος por “escravo”, com algumas poucas exceções, mantendo, assim, a fidelidade dos sentidos do texto grego original. É preciso cautela nesse ponto para compreender que o fato de Frederico Lourenço ter sido fiel ao texto grego, ao preservar os sentidos do termo δούλος, não significa que sua tradução esteja isenta de interferência ideológica do seu tempo vivido. Como homem do seu tempo, o tradutor está suscetível às influências sócio-históricas do mundo que o cerca, e não poderia ser diferente. Assim, não se deve fazer generalizações apressadas e concluir que a tradução da Bíblia de Frederico Lourenço é fiel ao texto original. Obviamente, o tradutor busca ser fiel ao texto que traduz, mas isenção total do tradutor não existe, é ilusão. Contudo, em relação à tradução do termo δούλος e de suas variantes, de maneira geral, houve a preservação dos sentidos originais, o que

<sup>9</sup> Disponível em <https://www.quetzaleditores.pt/autor/frederico-lourenco/3703457>. Acesso em: 20 fev. 2024.

corroborar a afirmação feita nesta pesquisa de que o contexto sócio-histórico em que as traduções bíblicas oficiais foram feitas determinou, ou pelo menos teve um peso significativo, na tomada de decisão de não se traduzir δούλος por “escravo”.

Como se sugeriu, nem todas as traduções de Frederico Lourenço, mesmo em relação ao termo δούλος, foram fiéis ao texto original cotejado. Entretanto, atribuo isso a um deslize de tradução. Ressalta-se que as chamadas bíblias oficiais foram traduzidas por indivíduos ou por grupo de indivíduos, e que as traduções foram reformuladas ao longo do tempo e referendadas por colegiados. A tradução de Frederico Lourenço não passou por todo esse escrutínio, pelo menos não houve tempo suficiente para isso. Um exemplo desse deslize ocorre em Lucas 17:9. Primeiro, segue a passagem da Bíblia Grega Bereana: “μη ἔχει χάριν τῷ δούλῳ ὅτι ἐποίησεν τὰ διαταχθέντα”.<sup>10</sup> Agora, a tradução de Frederico Lourenço: “Não estará grato ao servo por ter feito o que lhe mandou, não?” (Bíblia, 2017)

Tive a oportunidade de conversar, por e-mail, com Frederico Lourenço sobre a tradução da Bíblia. Perguntei a ele se haveria alguma razão discursiva para ter traduzido δούλος por “servo”, e não por “escravo” em Lucas 17:9. Ao que ele respondeu: “[...] agradeço ter chamado a minha atenção para Lucas 17:9 na minha tradução. Tanto quanto me consigo lembrar, não houve nenhuma intenção especial da minha parte. Se fosse hoje, traduziria δούλος nessa passagem por «escravo»”. (Lourenço, 2023)

### **Escravo de Cristo: a reconstrução da identidade cristã**

O termo δούλος aparece na quase totalidade dos livros no Novo Testamento. Aparece em Mateus, Marcos, Lucas, João, Atos dos Apóstolos, Romanos, 1 Coríntios, 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 Timóteo, 2 Timóteo, Tito, Filemom, Hebreus, Tiago, 1 Pedro, 2 Pedro, Judas e Apocalipse. O termo δούλος só não aparece em 1 Tessalonicenses, 2 Tessalonicenses, 1 João, 2 João e 3 João. Isso demonstra que o uso do lexema δούλος, no Novo Testamento, não é apenas uma metáfora isolada, utilizada por Apóstolos para caracterizar a identidade cristã. Diferentemente disso, o uso do termo “escravo” é uma metáfora, sim, mas uma poderosa metáfora utilizada por Jesus Cristo e pelos seus Apóstolos para criar cenas enunciativas que permitiriam aos Judeus e aos Gentios daquele contexto sócio-histórico a compreensão exata e precisa do que implicava ser cristão.

Para se ter a ideia da importância da utilização do termo δούλος na caracterização da identidade cristã no Novo Testamento, comparem-se as mais de 160 ocorrências de δούλος no texto em grego, com a aparição de outros termos importantes na caracterização do Evangelho. O lexema a) “inferno” aparece 20 vezes; b) “perdão”, 4; c) “arrepentimento”, 23; d) “nascer de novo”, 2; e) “pecado”, 90; f) “perdição”, 9; g) “rendição”, 10; h) “justificação”, 7; i) “santificação”, 10; j) “salvação”, 45; l) “oração”, 34; m) “misericórdia”, 49; n) “justiça”, 103; o) “graça”, 135; p) “amor”, 137. Nesta rápida comparação, o termo δούλος só perde para os lexemas “céu”, que aparecem 175 vezes,

<sup>10</sup> Disponível em: <https://biblehub.com/bgb/luke/17.htm>.

e “fé”, com 239 vezes no Novo Testamento. Contudo, o termo “escravo” aparece apenas 13 vezes no Novo Testamento em língua portuguesa.<sup>11</sup>

Terminada a parte das comparações das várias edições bíblicas em língua portuguesa com texto em grego, percebeu-se que o lexema δούλος não foi adequadamente traduzido, à exceção da versão de Frederico Lourenço, mesmo assim não em sua totalidade, como já se destacou anteriormente. Traduzir o termo δούλος por “servo”, “conservo”, “empregado”, “companheiro”, “criado”, “homem” etc implica uma radical ruptura dos sentidos pretendidos no texto em grego. O conceito da identidade cristã, criada nos textos originais em grego, foi drasticamente subvertido, tornando-se mais palatável, menos ofensivo, mais adequado aos parâmetros de civilidade dos séculos XVI, XVII e XVIII, pelo menos nas esferas religiosas.

No livro *The Roman Law of Slavery: The Condition of the Slave in Private Law from Augustus to Justinian*, de William Warwick Buckland (1908, p. 198), há menção sobre a possibilidade de um escravo receber um tipo de remuneração. Esse pagamento, conhecido como *peculium*, era uma espécie de fundo que o escravo podia acumular, embora tecnicamente pertencendo ao seu senhor: “The *peculium* was the slave’s ‘property,’ but, in strict law, it belonged to the master, who could dispose of it at will. It was a fund, however, which the slave could control and from which he could, with the master’s consent, derive personal benefit”.

Esta citação ilustra como o sistema romano permitia a certos escravos a acumulação de recursos financeiros por meio do *peculium*, o que era um aspecto importante da dinâmica entre escravos e seus senhores no direito romano. No entanto, o *peculium* era um fundo ou “patrimônio” que um escravo podia acumular, mas sua concessão dependia inteiramente da vontade do senhor. Não se tratava de um direito automático de todos os escravos; era uma concessão do senhor. Tecnicamente, tudo o que um escravo possuía pertencia ao seu senhor, incluindo o *peculium*. Portanto, o senhor tinha o controle final sobre ele e podia revogá-lo a qualquer momento. Posto de outra maneira, a possibilidade do *peculium* no Império Romano não refuta a ideia de que δούλος em grego tem o sentido de escravo e que as traduções em língua portuguesa, em sua grande maioria, fizeram o apagamento desse importante aspecto da identidade cristã, a saber: ser um verdadeiro cristão é considera-se um “escravo de Cristo”.

A título de ilustração, tomem-se, por exemplo, duas traduções bíblicas, a mais popular entre os Católicos e entre os Protestantes, respectivamente Ave-Maria e Almeida Revista e Atualizada. Em grego, no Evangelho de Mateus, foram detectadas 40 ocorrências do termo δούλος e de suas variantes. Na tradução Ave-Maria, houve apenas uma ocorrência, conforme se observa em Mateus 26:51, em que o termo δούλος é traduzido por “escravo”. No mesmo recorte, não ocorre nenhuma ocorrência do termo “escravo” na Almeida Revista e Atualizada.

Quando se faz uma leitura mais criteriosa da mensagem contida no Novo

<sup>11</sup> A base de investigação aqui foi a Bíblia ARA, Almeida Revista e Atualizada.

Testamento sobre a identidade cristã, mais especificamente sobre aquilo que John MacArthur chama de “o custo do discipulado de Cristo” (MacArthur, 2015, p. 263), é possível perceber que há ali a proposta de que seguir a Cristo implica se tornar “um escravo de Cristo”. Para se chegar a essa conclusão, é necessário reconstruir a enunciação pelas pistas deixadas no enunciado pelo enunciador dos livros que compõem o Novo Testamento. Porém, o texto em grego expõe essa realidade discursiva de maneira enunciativa, isto é, a necessidade de se tornar um “escravo de Cristo” para segui-lo é explicitada na superfície textual, tornando-se inequívoca a intencionalidade discursiva do enunciador do texto.

Da mesma forma, resta inequívoca também a ideia de que essa “falha” de tradução, a rigor, não é propriamente uma falha, mas ela reflete um posicionamento político-ideológico, que permeava a visão de mundo dos tradutores e das instituições religiosas daquele contexto sócio-histórico em que as traduções bíblicas foram implementadas. Surpreendentemente, essa proposta de tradução persiste até mesmo nas traduções bíblicas mais modernas, como é o caso da TEB, originalmente traduzida na França, em 1975, e no Brasil, em 1994; da TB, em 1917; da ARC, em 1969 e 2009; da Ave-Maria, em 1959; da BJ, em 1981; da NAA, em 2017; da A21, em 2008; da NTLH, em 2000; da NVI, em 2001, por exemplo.

Ser um escravo de Cristo talvez seja a melhor maneira de definir o que é ser cristão. Tal como ensina o Novo Testamento em grego, o cristão é um escravo de Cristo. Contudo, não se tem essa visão claramente explicitada no Novo Testamento em língua portuguesa. A bem da verdade, atualmente, nada poderia estar mais distante disso. Na sociedade contemporânea, o conceito de cristão está muito vinculado à ideia de liberdade, de saúde, de riqueza e de prosperidade. O que interessa é realizar-se pessoalmente, realizar seus sonhos, ter liberdade e autonomia. A máxima, em muitas igrejas, passa a ser que “Deus te ama incondicionalmente” e que “ele deseja que você possa ser tudo aquilo que você deseja ser”. O que conta são as realizações pessoais, a expressão da sua liberdade, da sua satisfação pessoal. Tudo isso com a máxima de que “Deus te ama” e que “ele quer que você seja feliz”. Além disso, apelos são feitos para convencer as pessoas a abraçarem a “causa” de Cristo. É quando se ouvem frases como: “Dê uma chance a Jesus”, “Jesus precisa de você”. Novamente, nada poderia estar mais distante do Novo Testamento, sobretudo do Novo Testamento em grego, em que se explicita que, se você quer seguir a Cristo, você precisa tornar-se um escravo dele. Isso tudo não significa que Deus não quer que se tenha liberdade, saúde, riqueza ou que se busque a satisfação pessoal. Também não significa que Deus não ame o cristão incondicionalmente ou que não queira que ele seja feliz. A questão é muito mais complexa do que isso. Porém, essa não é a questão que se quer discutir neste momento.

O foco da discussão, aqui, é a natureza do relacionamento do cristão com Cristo no Novo Testamento em grego. É surpreendente descobrir como a não tradução de δούλος para “escravo” altera a natureza da identidade cristã. Na verdade, existe uma

subversão drástica na imagem do cristão quando se compara o Novo Testamento em grego e em português, independentemente da versão bíblica que se considera. Todas essas versões bíblicas oficiais conseguiram ocultar ou mascarar uma verdade fundamental da identidade cristã. A palavra δούλος e suas variantes aparecem no Novo Testamento em grego, ao menos, em 160 versículos e, em muitos deles, com mais de uma ocorrência. Porém, na versão KJ1611, por exemplo, o lexema “escravo” e seus derivados, como “escravidão”, “escravizar” e “escrava”, aparecem apenas em 17 versículos. Mesmo assim, em todas essas ocorrências, a utilização dos termos “escrava”, “escravo”, “escravidão” e “escravizar” não caracteriza a identidade do cristão em Cristo, mas faz referência ao sentido literal de “escravo” ou faz alusão a uma circunstância que não caracteriza o relacionamento do cristão com Cristo, como, por exemplo: “escravizados pelo pecado” ou ainda “escravizados pelos rudimentos deste mundo”. Em outras palavras, na KJ1611, não há nenhuma ocorrência de tradução do termo δούλος como “escravo” que caracteriza a identidade do cristão em Cristo.

O termo mais recorrente nas traduções de δούλος é “servo”, mas aparece também palavras como “conservo”, “empregado”, “companheiro”, “criado”, “homem”, dentre outros termos. Há também o uso do verbo “servir”, que, em grego, tem como raiz a palavra δούλος. Assim, esse termo deveria ser traduzido como “servir como escravo”.

Em grego, existem, ao menos, seis palavras distintas para “servo”: “escravo” não é uma delas. Existe a palavra “diákonos”, de onde deriva a palavra “diácono”. O termo também pode ser traduzido por ministro ou ajudante.

Existe a palavra “oiketes”, relacionada a “oikos”, “casa”, criando, assim, a expressão “servo doméstico” e “escravo doméstico”. Porém, as funções de “oiketes” restringem-se apenas aos afazeres doméstico, distinguindo-se assim da acepção mais genérica do δούλος. Não há como afirmar, portanto, que os conceitos de “oiketes” e de δούλος são intercambiáveis. Todo “oiketes” é um δούλος, porém nem todo δούλος é um “oiketes”. Assim, em Lucas 16:13, é utilizada a palavra “oiketes” relacionada ao verbo δουλεύειν, que traz a raiz de δούλος (“servir como escravo”), enquanto a passagem de Mateus 6:24 não traz a palavra “oiketes”, mas apenas o verbo δουλεύειν. Observe-se:

Οὐδεὶς οἰκέτης δύναται δυοῖς κυρίοις δουλεύειν· ἢ γὰρ τὸν ἓνα μισήσει καὶ τὸν ἕτερον ἀγαπήσει ἢ ἐνὸς ἀνθέξεται καὶ τοῦ ἑτέρου καταφρονήσει οὐ δύνασθε θεῶ δουλεύειν καὶ μαμωνᾶ (Lucas 16:13).

οὐδεὶς δύναται δουλεύω δύο κύριος γάρ ἢ μισέω εἷς καὶ ἀγαπάω ἕτερος ἢ ἀντέχομαι εἷς καὶ καταφρονέω ἕτερος οὐ δύναμαι δουλεύω θεός καὶ μαμωνᾶς (Mateus 6:24).

Com isso, na passagem de Lucas, ele se refere especificamente a um “servo doméstico” ou a “escravo doméstico”. Mateus, por sua vez, é mais genérico e faz referência a qualquer tipo de escravo, inclusive ao “oiketes”. O que se quer ressaltar é que, quando o texto usa o lexema δούλος, seu sentido é inequívoco: refere-se sempre a um escravo.

Existe a palavra “heis”, ligada à ideia de “servir na qualidade de instrutor do mais novo”. Existe a palavra “huperetes”, que faz referência a um servo de nível inferior. Literalmente, “ao remador de galés”, que serve abaixo, nos remos das galés. Existe a palavra “leitourgos”, em referência ao servo vinculado ao serviço religioso. Existe “paidiske”, que se refere à jovem responsável pela porta. Existe, ainda, “msthios”, que também está ligada aos serviços religiosos e que pode ser traduzida por “ministro”. Como se percebe, em grego, há várias palavras para servo, porém há apenas uma palavra para escravo, δούλος, e seu termo correlato “sundoulos” (σύνδουλος), que se refere ao escravo companheiro, escravo do mesmo mestre.

Não obstante, o que se percebe nas traduções do Novo Testamento em língua portuguesa é o apagamento do termo “escravo” ao traduzir o Novo Testamento do grego. Com isso, o que se quer destacar é que a tradução de δούλος não provoca ambiguidade de significado tampouco suscita subjetividade em seu uso. δούλος significa “escravo”. Obviamente, para não cair em um erro anacrônico, não se pode associar a ideia de δούλος, tal como concebida no Novo Testamento, ao conceito da escravidão transatlântica, que já se caracterizou anteriormente.

Fica evidente que os tradutores da Bíblia no contexto da Reforma evitaram conscientemente o uso do termo “escravo”. Não se trata de falta de conhecimento linguístico sobre o termo em questão, porque eles o empregam, quando, de fato, o termo refere-se a um escravo. Logo, eles possuem o conhecimento linguístico sobre a tradução do termo δούλος. Da mesma forma, não se pode alegar ignorância linguística por parte dos tradutores, uma vez que a supressão do termo “escravo” nas traduções foi orquestrada por vários grupos de tradutores, de países diferentes, ao longo de séculos.

O fato é que, quando o texto original se refere a um relacionamento pessoal com Deus ou com Cristo, os tradutores rejeitam a palavra “escravo” e usam alguma outra palavra que não tem os semas do lexema δούλος: servo, empregado, criado, companheiro, homem etc. Creio que isso ocorra para evitar os estigmas associados à palavra “escravo”. Creio também que ninguém tem uma imagem positiva da escravidão. Porém, quando se adentra às significações do Novo Testamento em grego, não há como evitar o termo “escravo”. Esta palavra está intimamente ligada ao tipo de relacionamento que o cristão deveria ter com Cristo.

Contudo, em algumas situações, de fato, surge o uso da expressão “escravo de Cristo”. A esse respeito, observe-se a passagem de Efésios 6:5-6 na versão NVI: Versículo 5: “Escravos, obedeçam a seus senhores terrenos com respeito e temor, com sinceridade de coração, como a Cristo. Versículo 6: “Obedeçam-lhes não apenas para agradá-los quando eles os observam, mas como escravos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus”. A expressão “escravo de Cristo” não aparece no versículo 5, nem em português nem tampouco em grego, nem na versão do Textus Receptus como no Texto Crítico. No versículo 5, aparece apenas a forma nominal “escravos”. Contudo,

o foco da análise agora é a expressão “escravo de Cristo”, que aparece no versículo 6 da NVI. Para isso, é necessário resgatar a situação do versículo 5 para compreender o valor do versículo 6, onde aparece a expressão “δοῦλος Χριστός” (“escravo de Cristo”) tanto no Textus Receptus como no Texto Crítico, como se observa abaixo:

**Efésios 6:5 - Textus Receptus:** “Οἱ δοῦλοι, ὑπακούετε τοῖς κατὰ σάρκα κυρίοις μετὰ φόβου καὶ τρόμου ἐν ἀπλότητι τῆς καρδίας ὑμῶν ὡς τῷ Χριστῷ”.

**Efésios 6:6 - Textus Receptus:** “μὴ κατ’ ὀφθαλμοδοουλίαν, ὡς ἀνθρωπάρεσκοι, ἀλλ’ ὡς δοῦλοι Χριστοῦ, ποιοῦντες τὸ θέλημα τοῦ Θεοῦ ἐκ ψυχῆς”.

**Efésios 6:5 – Texto Crítico (Nestle-Aland/UBS):** “Οἱ δοῦλοι, ὑπακούετε τοῖς κατὰ σάρκα κυρίοις μετὰ φόβου καὶ τρόμου ἐν ἀπλότητι τῆς καρδίας ὑμῶν ὡς τῷ Χριστῷ”.

**Efésios 6:6 – Texto Crítico (Nestle-Aland/UBS):** “μὴ κατ’ ὀφθαλμοδοουλίαν, ὡς ἀνθρωπάρεσκοι, ἀλλ’ ὡς δοῦλοι Χριστοῦ, ποιοῦντες τὸ θέλημα τοῦ Θεοῦ ἐκ ψυχῆς”.

Nas traduções bíblicas do português, em Efésios 6:6, o termo “escravo de escravo” aparece em várias traduções bíblicas e não aparece em outras. Contudo, antes de explorar o versículo 6, é necessário discorrer sobre as ocorrências de escravo em sua forma nominal no versículo 5.

Nas traduções do português do versículo 5, de 20 versões bíblicas analisadas, 11 delas não traduziram o termo δούλος por “escravo”, e as outras 9 o fizeram. O lexema “escravo” não aparece na ARAi, na ARA, na ARC 1969, na ARC 2009, na NAA, na VFL, na TB, na Ave-Maria, na BJ, na Peregrino e na KJ1611. Porém, aparece em nove versões: A21, BLT, NBV-P, NTLH, NVI, NVT, TEB, KJA e FL. É um resultado surpreendente. Houve, aqui, em comparação com outras passagens, um uso elevado do termo “escravo”, o que é muito desejável. Assim, convém refletir um pouco mais sobre essas ocorrências.

Nessa passagem (Efésios 6:5-6), o Apóstolo Paulo está dirigindo suas palavras à congregação de Éfeso, que é composta por homens livres e por escravos, no sentido literal do termo. Nessa passagem em particular, o Apóstolo Paulo está referindo-se diretamente aos escravos da congregação de Éfeso. Por isso, uma grande parte dos tradutores optou pelo uso do termo “escravo”.

No versículo 6 (Efésios 6:6), Paulo relaciona o fato de eles serem escravos, no sentido literal, ao fato de eles precisarem agora ser também “escravos de Cristo”. O texto mostra que essa deve ser a realidade não apenas do escravo no sentido literal do termo, mas precisa ser uma realidade para todo cristão.

Dentre as 9 versões bíblicas que utilizaram o termo “escravo” na primeira parte dessa passagem, versículo 5, para se referir ao escravo em sentido literal, a BLT, a NTLH, a NVI, a NVT, a TEB e a FL, também traduziram a expressão “δοῦλος Χριστός” por “escravo

de Cristo”, mantendo assim a fidelidade com o texto grego. Porém, as versões A21, NBV-P e KJA, embora tenham traduzido a primeira ocorrência, versículo 5, de δούλος como “escravo”, referindo-se como “escravo” ao escravo no sentido real, na segunda ocorrência do termo, versículo 6, optaram por traduzir a expressão “δοῦλος Χριστός” por “servo de Cristo”, ocasionando, assim, o apagamento da identidade do cristão como “escravo de Cristo”.

Em linhas gerais, essa passagem (Efésios 6:5-6) destaca-se por ter logrado êxito em preservar a identidade de Cristo nas seis edições bíblicas apontadas acima, o que é muito raro de acontecer. A explicação para isso está na força da metáfora criada por Paulo no texto grego. O uso metafórico da expressão “escravo de Cristo” no versículo 6 baseia-se diretamente na utilização do termo “escravo” em sentido literal do versículo 5. Se a intenção é preservar a metáfora usada por Paulo, é preciso manter o sentido literal de escravo, para, sobre ele, construir o sentido metafórico da expressão usada. Assim, a opção dos tradutores de manter a simetria no plano da expressão usado no texto grego fez com que eles fossem forçados a traduzir “δοῦλος Χριστός” por “escravo de Cristo”. Tem-se, aqui, uma tradução fiel e cuidadosa da expressão “δοῦλος Χριστός” do texto original, em certo sentido, forçada pela natureza da realidade da comparação compreendida pelo Apóstolo Paulo.

Situação semelhante ocorre em 1 Coríntios 7. Neste capítulo, Paulo está explicando como proceder em relação aos relacionamentos humanos, uma vez que eles estão em Cristo. Paulo discorre sobre o que fazer se você é casado ou casada com uma pessoa que não tem a mesma fé em Cristo. Discorre também sobre como proceder se você é viúva ou virgem, o que fazer se o pai tem uma filha virgem, o que fazer se você perdeu seu cônjuge, se deve casar-se novamente ou não, com quem deve casar-se etc. Nesse ponto, Paulo (1 Coríntios 7:22 - NVI) dirige-se aos escravos literais da igreja em Coríntios que abraçaram a fé cristã: “Pois aquele que, sendo escravo, foi chamado pelo Senhor, é liberto e pertence ao Senhor; semelhantemente, aquele que era livre quando foi chamado, é escravo de Cristo”. Abaixo seguem os textos em grego:

**1 Coríntios 7:22 - Textus Receptus:** “ὁ γὰρ ἐν κυρίῳ καλούμενος δοῦλος ἐλευθέρως κυρίου ἐστίν: ὁμοίως ὁ ἐλεύθερος καλούμενος δοῦλος Χριστοῦ ἐστίν”.

**1 Coríntios 7:22 – Texto Crítico (Nestle-Aland/UBS):** “ὁ γὰρ ἐν κυρίῳ καλούμενος δοῦλος ἐλεύθερος ἐστίν: ὁμοίως ὁ ἐλεύθερος καλούμενος δοῦλος Χριστοῦ ἐστίν”.

Quase a totalidade das versões bíblicas aqui pesquisadas traduziram com fidelidade o termo δούλος. Mais uma vez, percebe-se a força da metáfora utilizada por Paulo como elemento determinante na manutenção dos sentidos originais.

Apenas as versões ARC 1969, ARC 2009 e KJ1611 não traduziram o termo δούλος por “escravo”, preferindo os lexemas “servo” e “servo de Cristo”. Por outro lado, todas

as demais ocorrências mantiveram-se fiéis ao texto original e optaram pelo uso das expressões “escravo” e “escravo de Cristo”.

Como na ocorrência anterior (Efésios 6:5-6), o que motivou, aqui, a manutenção dos sentidos em grego foi, sem dúvida alguma, o uso da metáfora, construída sobre o sentido literal de “escravo”. Com isso, não há relutância por parte dos tradutores para usar o termo “escravo”, já que se fala literalmente de escravos.

Em 1 Coríntios 7:23, Paulo explica o que constitui a escravidão: “Fostes comprados por alto preço: não sejais escravos de homens” (Peregrino). Essa explicação não deixa dúvida alguma sobre o que significa ser um escravo. O Novo Testamento também não deixa dúvida de que o “alto preço” a que se refere é o sangue de Cristo derramado na cruz para a remissão dos pecados daqueles que professam a Cristo como Senhor e Salvador. Ser escravo, portanto, significa ser possuído por alguém. O termo δούλος, no Novo Testamento em grego, não deveria ser traduzido nunca por alguma outra palavra a não ser por “escravo”, seja em situação de metáfora seja no uso direto do termo.

Em Mateus 25, Jesus Cristo conta uma série de parábolas para explicar como é o Reino dos Céus e como deve proceder um fiel escravo de Cristo para entrar em seu Reino. A esse respeito, observe-se o trecho de Mateus 25:21 (FL): “Disse-lhe o senhor dele: ‘Muito bem, escravo bom e fiel! Foste confiável em coisas [que são] poucas; pôr-tei à frente de numerosas. Entra na alegria do teu senhor!’”. Nesta passagem, à exceção da tradução de Frederico Lourenço, nenhuma das versões bíblicas investigadas traduziu o termo δούλος por “escravo”. Além disso, essa passagem tem papel preponderante, pois explica como é o Reino dos Céus e como deve se comportar um escravo de Cristo. Ainda, ao final do versículo, o texto explica: “entra no gozo do teu senhor”. Em outras palavras, o escravo de Cristo, que fez a vontade de Deus, poderá agora desfrutar das alegrias a ele reservadas, proporcionadas pelo seu κύριος, isto é, pelo seu Senhor. Lamentavelmente, os sentidos do texto em grego foram todos completamente apagados nas versões bíblicas oficiais. Isso destrói a clareza, o poder e a riqueza dessa metáfora criada por Jesus Cristo.

Quando se expõe o Evangelho a alguém, tendo como referência o texto em grego, você está convidando essa pessoa a se tornar um escravo de Jesus Cristo. Você está convidando essa pessoa a desistir da sua independência, da sua liberdade e a se entregar totalmente à vontade de outra pessoa. Isso implica que essa pessoa terá de desistir de todos os seus direitos e ser possuída e controlada pelo seu Senhor e Mestre. Esse é o verdadeiro evangelho... tanto no texto em grego como em língua portuguesa. Porém, na sociedade contemporânea, isso tudo parece estar diametralmente oposto ao que se ouve em muitas igrejas e ao que se prega em muitos sermões. O fato é que a perda do conceito de δούλος Χριστός (escravo de Cristo), no Novo Testamento em língua portuguesa, fez obscurecer essa significação precisa e esse conceito primordial para a compreensão da teologia bíblica.

Ainda sobre o conceito do termo δούλος, O *Dicionário Teológico do Novo Testamento* (Kittel, Friedrich (2013, p. 201), aponta para o sentido inequívoco do termo δούλος<sup>12</sup> e de suas formas derivadas:

doúlos [escravo], sýndoulos [conservo], doúlē [escrava], douleúō [ser escravo], douleía [escravidão], doulóō [escravizar], katadoulóō [escravizar], doulagōgēō [escravizar], ophthalmodoulía [serviço apenas para os olhos]. doúlos, syndoulos, dodlê, douleúō, douleía. Todas essas palavras estão ligadas a [sic] escravidão. Em distinção a grupos paralelos [sic] elas denotam um serviço compulsório.

Os autores também explicam que “a relação com essa raiz mostra que doúlos denota enfaticamente o escravo ou o estado de escravidão.” Kittel and Friedrich (Kittel, Friedrich, 1985, p. 201) também apontam para o comprometimento necessário daquele que se considera escravo de Cristo: “o compromisso total dos doúloi e o direito total do kýrios servem aqui para ilustrar o senhorio incondicional de Deus e a responsabilidade incondicional dos crentes para com ele”. (Kittel, Friedrich, 1985, p. 202)

Kittel and Friedrich discorrem também sobre onovo tipo de relacionamento que se obtém quando se aceita ser um “escravo de Cristo”. Em Cristo, agora libertos da escravidão do pecado, o cristão passa a ser considerado “filho de Deus”. Porém, ser filho de Deus não significa obter autonomia, mas aceitar novos padrões de vida, agora baseados na justiça, na santidade e em novidade de vida. Toda essa rede de significação está contida na expressão “escravo de Cristo”:

Mais comum é a crença de que os cristãos são doúloi de Cristo. Paulo em particular demonstra essa convicção. Eles já são doúloi de algum modo antes da sua conversão, ou seja, doúloi do pecado etc. (Rm 6.6ss., 19; Gl 4.3, 8, 9), e mesmo da lei (Rm 7.1ss.). O sentido é o de que eles perderam totalmente a sua liberdade e são dominados por essas forças. Por meio da sua obra salvífica, Jesus os resgata dessa douleía em uma obra de libertação (Gl 3.13; 4.4-5). Eles, portanto, chegam à liberdade de filhos (Gl 4.5ss.; Rm 8.15, 23). Mas a filiação não significa autonomia. Ela significa um novo relacionamento com Deus. O resultado é um novo serviço. Por meio da sua obra de redenção, ele fez dos crentes a sua possessão e agora dá a eles alvos que moldam as suas vidas. Esse novo compromisso, que é um compromisso com a justiça (Rm 6.19), santidade (1Ts 3.13) e novidade de vida (Rm 6.4), é expresso na descrição dos cristãos como doúloi de Cristo (ICo 7.22; Ef 6.6). Isso engloba aquilo que Cristo fez e a aceitação das suas consequências práticas. Ele também é o reconhecimento da liberdade que é alcançada apenas por meio do compromisso com Cristo, de modo que não há mais contradição quando João fala da liberdade que o Filho dá (Jo 8.34ss.) ou quando ele afirma que Jesus chama seus discípulos, não de doúloi, mas de amigos, pois esses são os amigos que cumprem aquilo que ele lhes ordena (Jo 15.14-15) (Kittel, Friedrich, 1985, p. 202-204).

<sup>12</sup> Nesse dicionário, é usada a forma transliterada da palavra δούλος, que é “doúlos”. Da mesma forma, usa-se a transliteração de κύριος, “senhor ou dono de escravo”, que é “kýrios”.

Na sociedade contemporânea, é comum haver um sentimento de revolta e de repulsa em relação à escravidão praticada em outras épocas. Se é difícil para nós concebermos essa realidade, o que dizer sobre aqueles que viviam em meio à escravidão do Império Romano, por exemplo? Se é difícil a um pastor ou a um padre convencer os membros da sua igreja de que eles precisam ser escravos de Cristo, imagine como deve ter sido para Jesus e para os seus Apóstolos convencer aqueles que viviam em meio a uma sociedade marcada pela escravidão? Estima-se que havia, no Império Romano, em torno de dez a doze milhões de escravos na época em que Jesus Cristo ensinava sobre a necessidade de se tornar um escravo de Cristo para segui-lo. Para Jesus Cristo, ser cristão significava ser um escravo de Cristo. Certamente, todos daquele contexto sócio-histórico tinham uma imagem bastante clara sobre o que significava ser um escravo de Cristo.

Para os gregos, a liberdade tinha um valor absoluto. Para eles, a liberdade era o bem maior da vida. O conceito de dignidade pessoal estava intimamente ligado à liberdade. Ser escravo era a pior situação possível. No mundo greco-romano, os escravos não tinham liberdade, não tinham direito algum, não possuíam nenhum bem. Do ponto de vista jurídico, eles não tinham direito algum nos tribunais, não poderiam servir como testemunha, não tinham cidadania, não tinham a possibilidade de fazer o que quisessem e não podiam fazer parte do exército.

O escravo era totalmente dependente do seu dono, do seu senhor. Por outro lado, tinham alguns benefícios: eram alimentados, tinham a proteção do seu senhor. Em muitos casos, mas não em todos, o escravo era tratado com respeito, tinha o carinho e a compaixão da família. Porém, para gregos e para romanos, do ponto de vista social e filosófico, a liberdade era o bem maior do indivíduo. Por isso, o homem livre tinha desprezo pela escravidão, e os escravos desejavam ser livres.

Convém ressaltar que os gregos e os romanos tinham uma farta literatura religiosa. Contudo, não se encontra nela nenhum termo religioso que descreve a relação do escravo com os seus deuses. Os gregos, por exemplo, usavam o termo φίλος, que poderia ser aqui traduzido por “amigo”. Assim, eles eram “amigos de seus deuses”, não seus escravos. A ideia de ser “escravo de um deus” seria repugnante ao grego. Com isso, a tarefa de apresentar a esses gregos o Cristianismo e fazer com eles aceitassem a ideia de ser um “escravo de Cristo” era, aparentemente, uma missão impossível. Os escravos já tinham o suficiente da escravidão, e os homens livres desprezavam o conceito de escravo para si próprios. Além disso, o Novo Testamento escrito em grego não suavizava em nada a proposta de que o seguidor de Cristo devia se tornar um escravo de Cristo. Mesmo assim, os gregos e os romanos eram chamados para serem escravos de Cristo, e o chamado era, em certa medida, respondido positivamente. Foi assim que o Apóstolo Paulo fundou boa parte das suas igrejas.

A diferença entre ser um escravo e ser um servo é óbvia. Servos eram contratados para trabalhar por um salário e, mais do que isso, poderiam abandonar seus trabalhos. Os escravos eram posse dos seus senhores e não podiam abandonar o serviço. Se o

escravo fugisse, ele poderia ser preso, açoitado e até mesmo crucificado publicamente, como uma demonstração aos demais escravos daquilo que poderia acontecer a eles também. No entanto, os cristãos daquele período aceitavam voluntariamente a escravidão em Cristo.

O Apóstolo Paulo, por exemplo, é o grande propagador e defensor das doutrinas cristãs. Porém, ele se considera um “escravo de Jesus Cristo”, como se observa em Romanos 1:1 (NVT): “Eu, Paulo, escravo de Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo e enviado para anunciar as boas-novas de Deus, escrevo esta carta”.

**Romanos 1:1 - Textus Receptus:** “Παῦλος δοῦλος Ἰησοῦ Χριστοῦ, κλητὸς ἀπόστολος, ἀφορισμένος εὐαγγέλιον Θεοῦ”.

**Romanos 1:1 – Texto Crítico (Nestle-Aland/UBS):** “Παῦλος δοῦλος Ἰησοῦ Χριστοῦ, κλητὸς ἀπόστολος, ἀφορισμένος εὐαγγέλιον Θεοῦ”.

Nesta passagem, o Apóstolo Paulo usa explicitamente a expressão “Παῦλος δοῦλος Ἰησοῦς Χριστός”, “Paulo, escravo de Jesus Cristo”. Porém, de todas as versões bíblicas investigadas, apenas a NVT e a de Frederico Lourenço traduziram com fidelidade a expressão, mantendo a intenção pretendida no texto grego, preservando essa característica fundamental da identidade cristã.

Em Filipenses 1:1 (NVT), Paulo repete a mesma saudação e, agora, acrescenta Timóteo: “Paulo e Timóteo, escravos de Cristo Jesus, escrevemos a todo o povo santo em Cristo Jesus que está em Filipos, incluindo os bispos e diáconos”. Mais uma vez, a grande maioria das versões bíblicas não traduz “Παῦλος καὶ Τιμόθεος δοῦλος Χριστός Ἰησοῦς” por “Paulo e Timóteo, escravos de Cristo Jesus”. A exceção fica por conta da NBV-P, da NVT e da de Frederico Lourenço.

Em Gálatas 1:10 (FL), mais uma vez, Paulo explicita sua identidade em Cristo, como “escravo de Cristo”: “Agora, são homens que estou persuadindo ou é Deus? Será que procuro agradar a homens? Se ainda agradasse a homens, eu não seria escravo de Cristo”. Nas versões do Textus Receptus e do Texto Crítico, os textos apresentam-se assim:

**Gálatas 1:10 - Textus Receptus:** Ἄρτι γὰρ ἀνθρώποις πείθω ἢ Θεῷ; ἢ ζητῶ ἀνθρώποις ἀρέσκειν; εἰ ἔτι ἀνθρώποις ἀρεσκόν, **Χριστοῦ δοῦλος** οὐκ εἰμί”.

**Gálatas 1:10 – Texto Crítico (Nestle-Aland/UBS):** Ἄρτι γὰρ ἀνθρώποις πείθω ἢ Θεῷ; ἢ ζητῶ ἀνθρώποις ἀρέσκειν; εἰ ἔτι ἀνθρώποις ἀρεσκόν, **Χριστοῦ δοῦλος** οὐκ εἰμί”.

Das 20 edições bíblicas aqui investigadas, nenhuma das chamadas versões oficiais da Bíblia traduziu a expressão “Χριστός δοῦλος” por “escravo de Cristo”. A exceção, novamente, ficou a cargo de Frederico Lourenço. Ainda nesta passagem, fica clara a compreensão de Paulo sobre o que significa ser um escravo de Cristo: o escravo

não precisa agradar a outras pessoas, apenas ao seu dono, isto é, ao seu Senhor. Aqui, implicitamente, Paulo declara que só agrada ao seu Senhor, independentemente das consequências dessa decisão. O foco de um escravo de Cristo é um só: agradar a seu Senhor. Paulo entendeu isso perfeitamente e deixa isso claramente expresso em seu texto. Porém, com o apagamento da expressão “escravo de Cristo” nas traduções, perde-se uma parte vital da identidade do cristão, que é ser escravo de Cristo. Essa metáfora é primordial para se compreender o relacionamento do cristão com o seu senhor.

Se as igrejas atuais querem falar de um relacionamento pessoal com Jesus Cristo, deve ficar claro, então, que o cristão é um escravo de Cristo, que o cristão deve ter um foco apenas: agradar ao seu Senhor. Ironicamente, uma vez que se compreende o verdadeiro evangelho, o comando para seguir a Cristo é bem simples: faça o que ele disser e faça aquilo que o agrada. De fato, a um escravo, há apenas duas possibilidades de ação. Se há um comando direto do seu senhor, o escravo obedece. Quando não houver um comando direto do senhor, o escravo deve encontrar um modo de agradar ao seu senhor. Assim, o escravo obedece e agrada ao seu senhor. É isso que Paulo explicou em 2 Coríntios 5:9 (NTLH): “[...] o que nós queremos é agradar [*sic*] o Senhor, seja vivendo no nosso corpo aqui, seja vivendo lá com o Senhor.”

Em Gálatas 6:17, Paulo usa uma expressão bastante interessante e, ao mesmo tempo, sutil para deixar clara a sua identidade em Cristo, como “escravo de Cristo”. Ele escreve: “Quanto ao mais, ninguém me moleste; *porque eu trago no corpo as marcas de Jesus*”. Embora não esteja explicitamente marcado o lexema *δοῦλος* nesta passagem, ela contém a expressão “τοῦ Κυρίου Ἰησοῦ” (“do Senhor Jesus” no Textus Receptus) e “τοῦ Ἰησοῦ” (“de Jesus” no Texto Crítico):

**Textus Receptus:** “Τοῦ λοιποῦ κόπους μοι μηδεὶς παρεχέτω· ἐγὼ γὰρ τὰ **στίγματα τοῦ Κυρίου Ἰησοῦ** ἐν τῷ σώματί μου βαστάζω”.

Tradução: “Quanto ao mais, ninguém me moleste, porque eu trago no meu corpo as marcas de Senhor Jesus.”

**Texto Crítico (NA28, UBS5):** “Τοῦ λοιποῦ κόπους μοι μηδεὶς παρεχέτω· ἐγὼ γὰρ τὰ **στίγματα τοῦ Ἰησοῦ** ἐν τῷ σώματί μου βαστάζω”.

Tradução: “Quanto ao mais, ninguém me moleste, porque eu trago no meu corpo as marcas de Jesus.”

Nesta passagem, Paulo faz referência clara, mas de maneira implícita, à ideia de ele ser um “escravo de Cristo”, tanto que traz em seu corpo as marcas do seu Senhor. Com isso, as marcas que leva em seu corpo, em razão dos flagelos físicos sofridos nas prisões ou em praças públicas por pregar a Cristo Jesus, são as evidências físicas de que ele, Paulo, é escravo de Cristo. As dificuldades todas sofridas por Paulo só aconteceram, porque ele fez o que Cristo, isto é, o seu Senhor o ordenou fazer. Essa passagem faz referência clara ao “escravo” e ao seu “Senhor”: aquilo que se chamou anteriormente

de “escravidão voluntária”. Portanto, trata-se de uma importante passagem para caracterizar a identidade cristã.

Novamente, Paulo, escrevendo a Tito (Tito 1:1), apresenta-se como “Παῦλος δοῦλος θεός”, “Paulo, escravo de Deus”. As únicas versões bíblicas que são fiéis ao sentido grego são a NBV-P, a NVT e a de Frederico Lourenço. Assim, Paulo é escravo de Deus e escravo de Cristo.

Outros Apóstolos também se identificam como escravo de Deus ou como escravo de Cristo, como é o caso de Tiago. Em Tiago 1:1, ele escreve: “Ἰάκωβος δοῦλος θεός καί κύριος Ἰησοῦς Χριστός”, “Tiago, escravo de Deus e do Senhor Jesus Cristo”. As únicas versões bíblicas a traduzir com fidelidade a expressão foram a NVT e a de Frederico Lourenço. Ressalta-se que Tiago é considerado meio irmão de Cristo, pelos protestantes, e primo de Cristo, pelos católicos. De qualquer forma, é inegável que o Apóstolo Tiago tinha com Jesus uma convivência mais próxima em razão dos laços familiares. No entanto, Tiago coloca-se na posição de escravo de Deus e do Senhor Jesus Cristo. Em Tiago 4:13-15, ele escreve:

Atendei, agora, vós que dizeis: Hoje ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucros. Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa. Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo.<sup>13</sup>

Essa explicação de Tiago, embora não traga o termo “escravo de Cristo”, tipifica bem a postura de um escravo de Cristo. Não é o escravo que decide o que ele fará no dia seguinte. Isso vai depender da vontade do seu Senhor. É isso que significa estar totalmente submetido a uma vontade externa, alheia. É por isso que Tiago aconselha: “Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo”. Eis a postura clara de um escravo de Cristo.

A mesma postura pode ser encontrada em Judas (Judas 1:1): “Ἰουδᾶς δοῦλος Ἰησοῦς Χριστός”, “Judas, escravo de Jesus Cristo”. Como se observa nas ocorrências bíblicas, apenas a NVT e a FL traduziram com fidelidade a expressão.

A mesma expressão pode ser encontrada também nos escritos do Apóstolo Pedro, em 2 Pedro 1:1, onde ele escreve: “Συμεών Πέτρος δοῦλος καί ἀπόστολος Ἰησοῦς Χριστός”, “Simão Pedro, escravo e apóstolo de Jesus Cristo”. As únicas versões fiéis ao texto grego foram a NVT, a KJA e a FL.

Paulo, Pedro, Timóteo, Judas, Tiago e João, como se mostrará mais abaixo. Estes são os Apóstolos que se apresentam como “escravo de Cristo” ou como “escravo de Deus”. Há ainda outras passagens em que discípulos (Colossenses 1:7; 4:12) e líderes de igreja (2 Timóteo 2:24) são identificados como escravos de Cristo. Porém, não há

<sup>13</sup> Grifo nosso.

como aludir a todas essas passagens nesse momento. O que se quer ressaltar é que os Apóstolos, de bom grado, tomaram para si a identificação como escravos de Cristo.

Essa identificação também era conferida aos discípulos e aos líderes que se destacavam nos seus ministérios. Em vários momentos, no Livro de Atos, os crentes são identificados como escravos. Percebe-se, assim, que a identificação do cristão com o papel de escravo de Cristo é consistente e está presente em todo o Novo Testamento, inclusive em Apocalipse.

Frederico Lourenço é o único tradutor que mantém a fidelidade lexical em Apocalipse 1:1 (FL): “Apocalipse de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos Seus *escravos* as coisas que é preciso que aconteçam depressa, [coisas essas que Deus] indicou através do Seu anjo ao Seu *escravo*, João;”. O fato de se encontrar o termo escravo em Apocalipse, em referência a escravo de Cristo, mostra que a identificação do cristão como escravo de Cristo vai muito além da chamada igreja primitiva. Ela perpassa a era atual e vai além. Isso significa que a identificação do cristão como escravo de Cristo não é algo efêmero e passageiro, mas uma característica perene do cristão. No capítulo sete de Apocalipse, há a explicação de como Deus proclama proteção durante o período da grande tribulação. Mesmo nesse momento futuro e de grande tribulação, o cristão ainda será chamado de escravo.

Em Apocalipse 19:2 (FL), o texto afirma o seguinte: “Porque [são] verdadeiras e justas as suas sentenças. Porque julgou a grande prostituta, Que corrompera a terra com a sua fornicação; E vingou o sangue dos seus *escravos* da mão dela.” Em nenhuma das Bíblias oficiais, o termo δοῦλος foi traduzido por “escravo”, à exceção do texto de Frederico Lourenço. Em síntese, o povo de Deus é identificado como escravo no passado e no futuro. Segundo a leitura do Novo Testamento em grego, o cristão nunca deixará de ser dependente de Cristo e de Deus, inclusive na chamada Jerusalém celestial.

## **Conclusão**

Convém agora retomar e sintetizar alguns pontos importantes da identidade do Cristão na qualidade de escravo de Cristo. Primeiro, ser um escravo de Cristo implica ser propriedade exclusiva do Cristo. Como dito anteriormente, o servo pode ser contratado e demitido. O escravo é uma propriedade e é possuído pelo seu dono. Ele é propriedade exclusiva, porque foi comprado por um preço.

O segundo ponto. O escravo de Cristo deve sempre estar disponível e deve ser completamente obediente a ele, por mais estranha que possa ser a ordem. O seu Senhor tem a primazia em sua vida. Isso explica uma passagem de difícil compreensão ensinada por Jesus Cristo (Mateus 8:18-22 - grifo nosso):

Vendo Jesus muita gente ao seu redor, ordenou que passassem para a outra margem. Então, aproximando-se dele um escriba, disse-lhe: Mestre, seguir-te-ei para onde quer que fores. Mas Jesus lhe respondeu:

As raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça. E outro dos discípulos lhe disse: Senhor, permite-me ir primeiro sepultar meu pai. Replicou-lhe, porém, Jesus: Segue-me, e deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos.

Terceiro ponto. O escravo de Cristo deve mortificar sua própria vontade e sujeitar-se a uma vontade externa, alheia à sua. Como diz o texto de Mateus 6:24, em grego, na tradução de FL, “Ninguém pode ser *escravo* de dois *senhores*. Ou odiará um e amará o outro, ou dedicar-se-á a um e desprezará o outro. Não podeis *servir como escravos* a Deus e ao dinheiro”. Um servo ou um empregado pode até ter dois empregadores, mas não pode servir como escravo a dois senhores.

Quarto ponto. O escravo de Cristo manifesta completa dependência do seu Mestre e Senhor para tudo, até em um estágio de dizer: “não seja feita a minha vontade, mas a tua (Lucas 22:42). O cristão depende do seu Senhor para tudo: proteção, provisões, saúde etc.

Quinto ponto. Toda disciplina e toda recompensa do escravo de Cristo vêm do seu Senhor e Mestre. Nisso consiste ser um escravo. O escravo pertence a alguém. A razão da sua existência é servir e agradecer ao seu Senhor.

Tudo isso está diretamente relacionado à ideia de ser um escravo. Porém, isso tudo também está relacionado à ideia de ser cristão. Até mesmo os recursos espirituais do cristão são providos a ele pelo seu Senhor. Toda a disciplina e toda a recompensa vêm do seu Senhor. Mais uma vez, é isso que significa ser cristão.

Os termos κύριος e δοῦλος são duas palavras que descrevem os dois lados de um relacionamento. Assim, se, de um lado, há um escravo, do outro lado, há um Senhor. Se há um Senhor, há um escravo. Dessa forma, quando o cristão confessa Cristo como seu Senhor, ele também está confessando a si mesmo como escravo, pelo menos é o que se esperava dessa pessoa, segundo o Novo Testamento em grego.

Escravo é aquele indivíduo, cuja vida pertence totalmente a outra pessoa: sujeição total, absoluta obediência, absoluta lealdade, absoluta dependência. Dessa forma, a escravidão é um relacionamento social entre duas pessoas em que uma não tem nada, não deseja nada e não recebe nada, exceto aquilo que o seu Senhor desejar e autorizar. Se alguém tem dificuldades para entender essas circunstâncias, que definem um escravo, e muitas pessoas terão dificuldade de compreender essas coisas, já que muito disso está escondido nos textos, seguramente, essa pessoa terá igualmente dificuldades para compreender a essência do que é ser cristão.

O cristão é um escravo de Cristo, porque foi comprado ou redimido pelo seu sangue vertido na cruz. Esse foi o preço pago por Jesus Cristo para resgatar o pecador da escravidão do pecado. Esse é o ponto fulcral que define a essência do Cristianismo e, portanto, da identidade do cristão e do seu relacionamento com Cristo. Essa realidade está absolutamente clara no Novo Testamento, como se pode observar pelas passagens a seguir:

sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo, (1 Pedro 1:18-19);

e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus. (Colossenses 1:20);

Semelhantemente, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este é o cálice da nova aliança no meu sangue derramado em favor de vós. (Lucas 22:20);

não por meio de sangue de bodes e de bezerras, mas pelo seu próprio sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção. (Hebreus 9:12);

Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus, (Hebreus 10:19).

sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; (Romanos 3:24-25);

Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue. (Atos 20:28);

e entoavam novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abri-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra. (Apocalipse 5:9-10);

Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida (Apocalipse 12:11).

Toda essa realidade salta aos olhos quando se compreende, de fato, o Novo Testamento. Os tradutores da Bíblia certamente dificultaram ainda mais o entendimento do verdadeiro evangelho, quando optaram por omitir ou por substituir o termo *δοῦλος* por outras palavras, o que provocou a subversão dos sentidos presentes no texto em grego. Dado o apagamento do termo “escravo” para caracterizar a identidade do cristão, cabe agora ao leitor atento buscar as pistas enunciativas disseminadas ao longo do texto para reconstruir, de maneira mais completa e mais precisa, a identidade do cristão. Para ilustrar essa afirmação, tome-se como exemplo Lucas 9:23-24: “Dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará”. Nesta passagem, não existe o termo *δοῦλος* de forma explícita

no texto grego. Porém, o conceito de escravo de Cristo pode ser inferido pelas pistas deixadas pelo enunciador do texto.

A mesma coisa pode-se afirmar de Mateus 11:28-30: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve”. Nesta passagem, considerando a situação de comunicação, pode-se não só inferir o convite ao indivíduo para se tornar escravo de Cristo e, com isso, aliviar a sua carga, mas também é possível reconstruir os sentidos de que esse indivíduo é escravo do pecado ou, como diria o Apóstolo Paulo, está “debaixo da escravidão aos princípios elementares do mundo” (Gálatas 4:3 - A21).

Como se percebe nestas duas últimas passagens, mesmo sem utilizar explicitamente a expressão “escravo de Cristo”, é possível reconstruí-la pelas pistas disseminadas ao longo do texto pelo enunciador. Por outro lado, fica evidente também que, se a expressão “escravo de Cristo” fosse utilizada no enunciado do texto, sua compreensão seria muito mais fácil e seria inteligível a um público muito maior. Creio, inclusive, que essa possa ter sido a intenção do enunciador ao utilizar explicitamente no enunciado do Novo Testamento mais de 160 vezes o termo *δοῦλος* e seus derivados no texto original em grego, para explicar o que é ser um verdadeiro cristão.

## Referências

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1988.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1994.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- BIBLERHUB. “BibleHub: Online Bible and Biblical Study Tools.” Disponível em: <https://biblehub.com>. Acesso em: 10 nov. de 2023.
- BÍBLIA ARAi - Almeida revista e atualizada interlinear. Disponível em <https://search.nepebrasil.org/interlinear>. Acesso em: 30 maio 2023.
- BÍBLIA ARA - Almeida revista e atualizada. Disponível em <https://www.bibliainline.com.br/ara>. Acesso em: 30 maio 2023.
- BÍBLIA. FL - *Novo Testamento: os quatro Evangelhos*. v.1. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BÍBLIA ARC. Almeida revisada e corrigida. 1969 Disponível em: <https://www.bibliainline.com.br/rc69>. Acesso em: 30 maio 2023.

BÍBLIA ARC. Almeida revista e corrigida. 2009. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/arc>. Acesso em: 30 maio 2023.

BÍBLIA A21 - Almeida Século 21. Disponível em: <https://bibliaalmeida21.com.br/>. Acesso em: 09 ago. 2023.

BÍBLIA – *Peregrino - Bíblia do Peregrino*. L. A. SCHÖCKEL. São Paulo: Paulus, 2000.

BÍBLIA BGB – *Bíblia Grega Bereneana*. Disponível em <https://search.nepebrasil.org/interlinear>. Acesso em 11 out. 2023.

BÍBLIA BLT - *Bíblia Livre para Todos (BLIVRE)*. Disponível em <https://www.bible.com/pt/versions/3254-BLT-biblia-livre-para-todos>. Acesso em 09 set. 2023.

BÍBLIA TEB - *Tradução Ecumênica da Bíblia*. São Paulo: Loyola, 2001.

BÍBLIA FL. *Novo Testamento: os quatro Evangelhos*. v.1. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BÍBLIA FL - *Novo Testamento: apóstolos, epístolas, Apocalipse*. v.2. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BÍBLIA NAA. *Nova Almeida atualizada*. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/naa>. Acesso em: 30 maio 2023.

BÍBLIA NBV-P. *Bíblia Viva*. Disponível em: <https://minhabibliaonline.com.br/biblia/nbvp>. Acesso em: 26 out. 2023.

BÍBLIA VFL - *Versão fácil de ler*. Disponível em: <https://www.bible.com/pt/versions/200-VFL-b-blia-sagrada-vers-o-f-cil-de-ler>. Acesso em: 08 nov. 2023.

BÍBLIA TB. Disponível em: <https://www.bible.com/pt/versions/277-TB-tradu-o-brasileira>. Acesso em: 18 out. 2023.

BÍBLIA HD. Disponível em: <https://search.nepebrasil.org/interlinear>. Acesso em: 03/04/2023.

BÍBLIA. *Ave Maria*. Disponível em <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria>. Acesso em: 04 dez. 2023.

BÍBLIA BJ - *Bíblia de Jerusalém*. Disponível em: <https://liturgiadas horas.online/biblia/biblia-jerusalem>. Acesso em: 05 jul. 2023.

BÍBLIA KJ1611 - *Bíblia King James de 1611*. Disponível em: <https://bkjfiel.com.br/>. Acesso em 12 nov. 2023.

BÍBLIA NTLH. *Linguagem de hoje*. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/ntlh>. Acesso em: 26 out. 2023.

BÍBLIA NVI. *Nova versão internacional*. Disponível em: <https://www.biblionline.com.br/nvi/livros>. Acesso em: 30 maio 2023.

BÍBLIA NVT. *Nova versão transformadora*. Disponível em: <https://www.biblionline.com.br/nvt>. Acesso em: 30 maio 2023.

BÍBLIA KJA - *Bíblia King James Atualizada*. Disponível em: <https://bibliaportugues.com/kja>. Acesso em: 12 nov. 2023.

BUCKLAND, William Warwick. *The Roman Law of Slavery: the condition of the slave in private law from Augustus to Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 1908.

CESAREIA, Eusébio. *História eclesiástica*. São Paulo: Fonte editorial, 2022.

ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto-Edusp, 1989.

FIORIN, José Luiz. *As Astúcias da enunciação*. São Paulo, Ática 1996.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1989.

LOURENÇO, Frederico. Assunto do e-mail [Sobre a tradução do termo “doúlos”]. Mensagem recebida por <e-mail suprimido> em 18 dez. 2023.

KITTEL; Friedrich. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. v.1. [s.l.] Cultura Cristã, 2013.

MACARTHUR, John F. *The gospel according to Jesus Christ: what does Jesus mean when he says “Follow Me”?* Michigan: Zondervan, 1994.

MACARTHUR, John F. *Slave: The hidden truth about your identity in Christ*. Nashville: Thomas Nelson, 2010.

MACARTHUR, John F. *O Evangelho segundo Jesus*. São José dos Campos: Fiel, 2015.

MACARTHUR, John F. *Escravo: a verdade oculta sobre a identidade em Cristo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

NEPE Search. Disponível em: <https://search.nepebrasil.org/interlinear>. Acesso em: 03 abr. 2023.